

## Entrevistas disponíveis:

ANDRÉ MEHMARI

ARISMAR DO ESPIRITO SANTO

CAÍTO MARCONDES

CARLOS EZEQUIEL

IVAN VILELA

ROGÉRIO BOTTER MAIO

LEA FREIRE

LUPA SANTIAGO

MANÉ SILVEIRA

NELSON AYRES

NELSON FARIA

THÉO DE BARROS

PAULO BRAGA

PAULO FLORES

SIZÃO MACHADO

ZÉCA ASSUMÇÃO

ZÉ EDUARDO NAZÁRIO

## Virtuose de um grande multiinstrumentista

Quem achar que André Mehmar é apenas pianista, precisa escutar o CD "Canto" para descobrir sua forte faceta de multiinstrumentista. É impressionante a variedade sonora explorada por Mehmar e a maturidade musical, apesar de sua pouca idade.

A entrevista com ele aconteceu por e-mail e é uma das mais recentes do projeto. Aconteceu dia 05 de agosto de 2006 e está completa neste site para que possam conhecer um pouco mais da carreira de André.

*Mariana Sayad*



## Entrevista com André Mehmar

*Por Mariana Sayad*

Nome Completo: André Ricardo Mehmar

Data de Nascimento: 22/04/1977

Local de Nascimento: Niterói-RJ

Cidade que reside atualmente: Mairiporã

**Vozes da Música Instrumental** - Fale sobre a sua formação musical.

**André Mehmar** - Conheci a música ainda na primeira infância e tive um ambiente musical (música de todo tipo na vitrola e no piano) em casa. Minha mãe foi a primeira professora. Aos oito anos fiz um curso rápido de órgão, que me deu repertório para tocar em bailes até os 12. Daí conheci o jazz, a improvisação e comecei a tocar na única casa de jazz em Ribeirão. Também tive experiências curtas com professoras de piano erudito. Em 1995, mudei-me para SP, quando ingressei na USP. Lá estudei piano erudito com Amílcar Zani.

**VMI** - Fale sobre suas principais influências.

**AM** - Estudei muito e estudo diariamente o legado dos grandes compositores europeus, da música chamada clássica. De Monteverdi a Berio. Da música brasileira acho que o Egberto Gismonti salta como um músico fundamental para minha formação. A música dele foi uma estrela guia durante um período de muitas e importantes escolhas musicais para mim. Daqui também tem Nazareth, Pixinguinha, Caymmi, Jobim, Milton, Luis Eça... A lista é enorme.

**VMI** - Qual é a importância do piano para a música brasileira popular?

**AM** - O piano é o instrumento do Tom Jobim, mas tenho que admitir que o Brasil é o país do violão. É muito raro encontrar um piano em boas condições de uso por aqui. É claro que a falta de piano é, entre outras coisas, reflexo de uma política cultural deficiente. Acho que o piano é um instrumento muito rico e subutilizado no contexto da MPB.

**VMI** - Como foram desenvolvidos seus estudos dentro da improvisação?

**AM** - Eu tocava muito com discos em casa na adolescência. Tinha o tal ouvido absoluto, que catalisou todo o processo de assimilação do gestual de grandes jazzistas e facilitou a criação de meu próprio repertório. Nunca li um único solo transcrito ou estudei 'licks' prontos. Não gosto de nenhuma didática em torno do improviso. Acho isso medíocre. Foi Adorno (o filósofo), que disse da ilusão de liberdade que o improviso cria em certos músicos. Na verdade, liberdade na música depende invariavelmente de limites (mais ou menos rígidos) pré-estabelecidos, paradoxalmente.

**VMI** - Para você, qual é a principal característica da improvisação na música brasileira?

**AM** - Há muitas linguagens, não dá pra generalizar. Acho que de modo geral nossos improvisadores são muito inventivos e não gostam de clichês, o que é lindo.

**VMI** - Como você começou a compor?

**AM** - Meus primeiros rabiscos datam dos 9 anos de idade, mas são bem rudimentares. Em torno dos 13 anos comecei a compor algo que já guarda semelhanças com o que faço hoje. Sou um compositor autodidata desde então.

**VMI** - Existe algo que o influencia mais na hora de compor?

**AM** - Toda música que estudei e amei permanece na memória e me influencia na composição. Inspiração pode vir de muitos lugares, mas essencialmente vem de dentro da própria alma, raramente de fora. Às vezes, uma imagem, o prazo ou os músicos envolvidos, tudo isso pode ser matéria para a inspiração.

**VMI** - Como é compor para balés, peças de teatro ou cinema? Existe alguma dificuldade maior do que compor sem a influência da imagem?

**AM** - Dificuldade não. Cada atividade tem suas peculiaridades, é lógico. Como já disse, limites podem ser muito inspiradores!

**VMI** - Em um arranjo, qual é a importância da letra? Ela pode influenciar?

**AM** - Aprendi com os mestres madrigalistas (Gesualdo, Monteverdi) a beleza de reforçar afetos da letra em gestos musicais. Acho que é uma característica fundamental do meu trabalho com cantoras (ou até mesmos arranjos instrumentais) da rica MPB. Sem dúvida influencia e deve influenciar.

**VMI** - Fale sobre o seu método de musicalização infantil. E como surgiu esse interesse?

**AM** - A escola onde eu dava aulas na época (em Ribeirão Preto, 1993) me encomendou esse trabalho. Fiz um livro de 21 peças curtas para piano solo onde colocava idéias musicais interessantes (em contraste com os habituais métodos para iniciantes), mas sem barreiras ou dificuldades técnicas. Fiz

também algumas pequenas melodias para flauta doce para as crianças, que eram acompanhadas por um 'trio de jazz', com harmonias mais avançadas. Era mais um exercício para os ouvidos que para os dedos!

**VMI** - Na sua opinião, qual é a importância de voltar as aulas de música nas escolas?

**AM** - Fundamental e urgente. Só teremos platéias preparadas para usufruir plenamente do acontecimento musical se esta tiver noções básicas de harmonia, contraponto, história da música... Em um país tão musical como o nosso, não seriam maravilhosos os frutos deste esforço?

**VMI** - Como foi sua participação no CD "Forças D'Alma" de Tutty Moreno?

**AM** - Foi sensacional para um músico tão jovem (na época com 20) poder arranjar/re-harmonizar, tocar e reger num projeto com músicos tão especiais. Este é um dos discos de que mais me orgulho ter participado. Temos um disco inédito a ser lançado em breve com o quarteto inicial, adicionando o Teco Cardoso.

**VMI** - Para você, qual é a importância do Prêmio Visa (e outros semelhantes) para o desenvolvimento da música instrumental?

**AM** - De suma importância para manter a vida musical do país em movimento e equilibrar com o lixo de massa, que é disseminado nos grandes meios o tempo todo. Acredito que a música inteligente brasileira sobrevive à margem da grande indústria fonográfica e da televisão graças a eventos como esse e à Internet.

**VMI** - Fale sobre a gravação do seu primeiro disco.

**AM** - O "Vencedores do Prêmio Visa 98" com Célio Barros foi gravado muito rapidamente. Quase todo ao vivo em estúdio (no teatro Cultura Artística). Tínhamos um piano excepcional e fizemos nós mesmos toda engenharia de som e mixagem. A parceria com Célio ainda se estenderia para dois discos de improvisação total. Neste disco (VISA), também temos as primeiras gravações do meu trio e acho, que nele já estão evidentes todas as características principais do meu trabalho: texturas contrapontísticas, pontes estilísticas entre estilos distantes, o lado de multiinstrumentista e compositor... Fico triste que este disco tenha tido tão pouco espaço na época de seu lançamento e considero este projeto muito especial.

**VMI** - Como foi seu trabalho com maestro Gil Jardim?

**AM** - Trabalhei por um período como uma espécie de "assistente musical" para o Gil. Colaborava nos arranjos para diversos trabalhos e fui co-compositor de alguns trechos do balé 'Soprador de Vidro'. Tive minhas primeiras experiências como arranjador orquestral graças ao Gil.

**VMI** - Como foi a gravação do CD "Canto"?

**AM** - Foi quase que totalmente gravado no meu estúdio, com um único microfone. É um trabalho onde quis enfatizar o aspecto multiinstrumentista tocando muito pouco piano e muito mais os instrumentos complementares. Além disso, quis que o disco tivesse um amplo colorido timbrístico e que minhas composições tivessem destaque.

**VMI** - Quantos CDs você já gravou?

**AM** - Já participei em numerosos projetos fonográficos como arranjador, pianista e produtor. Discos que considero 'solo': VISA 98, Canto, Lachrimae, Piano e Voz (com Ná Ozzetti) e Beatles piano solo.

**VMI** - Fale sobre seu duo com a Ná Ozzetti.

**AM** - Começou em 2004, quando fui convidado para um projeto (chamado piano e voz) da Universidade Federal do RS. Criamos um repertório especialmente para aquela ocasião, mas já durante os primeiros ensaios, constatamos uma deliciosa afinidade musical e a idéia de fazer o disco já surgiu ali. Adoro trabalhar com ela, pois posso colocar integralmente minha visão musical nos arranjos.

**VMI** - O que você acha da nova geração de músicos?

**AM** - Felizmente, todos procuram beber na rica tradição da nossa música e criar algo que a complemente e enriqueça. Há muitos talentos, mas poucas escolas.

**VMI** - Para você, qual é o futuro da música instrumental?

**AM** - Não consigo prever, mas espero que seja um futuro de diversidade, criatividade, inteligência, espontaneidade e rigor. Tudo ao mesmo tempo!

André Muito obrigada!